

EDIÇÃO ESPECIAL

COMEMORATIVA DOS 15 ANOS
DA ALDRAVA LETRAS E ARTES

MARIANA (MG) - ANO I - Nº 01 - SET / OUT 2015

- 1 / O ALDRAVISMO
- 2 / ARTE ALDRAVISTA
- 3 / INTERVENÇÕES ARTÍSTICAS
- 4 / ALDRAVISMO - ARTE POÉTICA





O ALDRAVISMO

NO CONTEXTO HISTÓRICO DA LITERATURA CONTEMPORÂNEA

Andreia Donadon Leal – Mestre em Literatura pela UFV

A Literatura Brasileira, no início do Século XXI, reflete, depois de longo período de restrições, a possibilidade real de experimentação da liberdade. O contexto político que se consolidava com a estabilidade econômica, com o restabelecimento do Estado, através da Lei de Responsabilidade Fiscal; com a liberdade de expressão e de imprensa, que abria flancos para uma vigilância social sobre os poderes, e a chegada de mídias móveis e instantâneas, tornaram a linguagem, histórica e socialmente limitada, um conjunto infinito de individualizações e codificações de usos, dando conta das novas velocidades de trocas de informações.

O que se convencionou chamar de pós-modernidade, nas décadas finais do Século XX, revelou a heterogeneidade constitutiva das linguagens como característica das artes, entre elas, a Literatura. A “recusa da unidade, da homogeneidade, da totalidade, da continuidade histórica, das metanarrativas”, conforme Perrone-Moisés (1998, p. 16), fez surgir, nas artes desse período, a produção como marca do sujeito que a produz. Este cenário político-cultural propiciou um início de século marcado pelo afastamento da dependência às organizações estatais e

pela assunção do empreendedorismo e do *marketing* pessoal, abastecidos pela revelação das capacidades do sujeito e dos poderes imputados ao sujeito consciente de si. Nesse período, a consciência de *ethos* (a imagem consciente de si) toma corpo nesse sujeito revelado, em lugar da inércia do *pathos* (o destinatário imaginado por um *ethos*, ou a sua plateia), consumidor de produtos culturais deliberadamente elaborados para a massificação.

A impressão a *laser* aprimorou as distribuições mimeografadas de poemas e os marginais foram conquistando mídias menos *hippongas*. Embora questionáveis, políticas sociais de inclusão fizeram com que as artes antes vistas como marginais pudessem ser veiculadas, sem estigmas, por mídias tecnicamente aprimoradas, em todos os setores da sociedade. Fenômenos como a poesia de Renato Russo, Cazusa e Arnaldo Antunes contaminaram as baladas da juventude, mostrando possível o rejuvenescimento constante da arte da palavra, abrindo portas para que a produção independente pudesse conquistar o público.

No mesmo período, irrompe o fenômeno da literatura de autoajuda, como sintoma da individualização em lugar da so-

cialização. Mas as bandas *pops* nacionais demonstraram a possibilidade da produção socializada, embora muitos líderes tenham se deixavam domar pela individuação e eram engolidos pela carreira solo. Nos círculos universitários, muitas iniciativas de incentivo à produção literária mantiveram-se ativas, apesar do arrefecimento do movimento estudantil combativo dos anos 70. No Instituto de Ciências Humanas e Sociais da UFOP, por exemplo, em 1997, alunos de História e Letras, com a colaboração de professores, produziram uma publicação intitulada *PoeZine*, de cuja semente, anos mais tarde, surgiria o Movimento Aldravista. Nos círculos das academias de Letras, poetas continuam a fazer versos metrificados e a discutir as vidas e as obras dos dinossauros. Olhos e ouvidos são voltados para o passado. Prosadores privilegiam a crítica e a monografia, biográfica ou elogiosa e se arriscam na ficção – conto e romance. No círculo jornalístico, perpetua-se a hegemonia do *Caderno Mais*, da *Revista Cult*, do *Suplemento Literário do Minas Gerais*, como referências da crítica literária; enquanto os cadernos de cultura dos jornais de maior circulação continuam a ser divulgadores de *shows* e de resenhas propagandísticas de livros, conforme demandas de grandes conglomerados editoriais.

Por outro lado, jornais como *Linguagem Viva*, da União Brasileira de Escritores de São Paulo, os boletins e as antologias das academias de Letras e dos círculos literários espalham pelo país, para grupos específicos, as produções locais. Quanto à crítica universitária,

destaca-se Leila Perrone-Moisés (2009), com *Altas Literaturas*, em cujo rol de críticos constituintes do *corpus* de sua pesquisa, apenas Haroldo de Campos mereceu figurar entre nomes como Erza Pound, T. S. Eliot, Jorge Luis Borges, Octavio Paz, Ítalo Calvino, Michel Butor e Philippe Sollers.

O Movimento Aldravista abre-se, em seu primeiro manifesto, como denúncia da dependência a estrangeiros na formação dos cânones nacionais e da negação de valores que fogem aos parâmetros estabelecidos pelos críticos europeus e norte americanos. Enquanto Perrone-Moisés busca parâmetros na “alta” literatura, o Aldravismo quer encontrar parâmetros para a literatura de Língua Portuguesa, não importando sua estatura na escala acadêmica, permitindo-se não comparar, mas estabelecer convivência respeitosa entre diferentes como José Saramago e Paulo Coelho, Chico Buarque de Holanda e Xandi, poeta letrista do “É o Tchan”; escritores das cidades e dos sertões. Eis que o limiar do século XXI buscava compreensão e não interpretação, uma vez que a interpretação pressupunha uma base filosófica europeia, enquanto na compreensão caberia a identidade específica de cada sujeito da produção mostrada. É o que diz o primeiro manifesto:

É a compreensão do mundo dos discursos como negação da pretenciosa ideia de interpretação. É o reconhecimento da precisão dos discursos heterogêneos: cabeça e bunda, Saramago e Coelho, Chico e Tchan, Nélida e Bianca, Jô e Carla, Rio e Ribeirão, urbes e sertão.

Branco não é branco, preto não é preto. Preconceito não é preconceito. O discurso pode ser branco ou preto ou os dois ao mesmo tempo; como o discurso do preconceito pode tornar o branco preto e o preto branco. Isto é, literatura não é literatura, mas literatura pode ser literatura, dependendo da vontade de canonização. (Parece que a última atividade da academia é a vontade.) Nela, não há vontade de compartilhar discursos. No máximo, a de receber discursos e dizer-se porta voz autorizado dos discursos canonizados, ou lugar de canonização. Independente disto, o discurso faz, desfaz e refaz; alimenta, realimenta e se alimenta de discursos, numa forma de antropofagia que cuida de cevar a espécie, para se fartar dele.

(DONADON-LEAL, mar/2001, p. 03)

Cabe explicar nessa incursão histórica o conceito de Aldravia, uma nova forma poética que coroa o esforço criador dos aldravistas. Trata-se de um poema sintético, de seis versos univoculares. A instantaneidade no trânsito das informações contemporâneas torna possível construir uma proposição poética sem as fórmulas complexas da poesia tradicional, travada de figuras de linguagem e de inversões sintáticas. A Aldravia demonstra haver poeticidade na comu-

nicação sintética cada vez mais intensa nos dias atuais. Seis palavras dispostas em seis versos representam a poeticidade abstraída de continentes conceituais, ou seja, metonímias poéticas de visões de mundo.

A trajetória aldravista autoriza interpretá-la como empreendimento intelectual com identidade conceitual e teórica definidas, que busca quebrar uma tradição de dependência da herança lusitana ou a correntes estrangeiras, especialmente europeias, como diz Nunes:

Os germes da literatura vieram de fora, mudando seletivamente pela ação de elementos endógenos. Assim, tal como a História política, a História Literária traduzirá o resultado de uma esforçada conquista sobre a perdurável herança lusitana, modificada pelo sentimento nacional e pela repercussão das correntes estrangeiras, máxime a francesa, a partir do Romantismo.

(NUNES, 1998, p. 232)

Assim, vem se consolidando o Aldravismo como Movimento propositivo; não de importação de modelos, mas de coroação de uma trajetória em busca de algo original. A Literatura Brasileira, enfim, deixa de ser copista de esquemas teóricos e formas estrangeiras, para ser referência, parâmetro.

ARTE ALDRAVISTA

Andreia Donadon Leal – Mestre em Literatura pela UFV



BOQUEIRÃO DAS FLORES - DEIA LEAL

Iniciativa dos poetas do Movimento de Arte Aldravista, em vislumbrar uma arte poética e visual que pudesse romper com a obrigação de apresentar paisagens completas, pois percebiam nas insinuações e nas frações das coisas metonímias suficientes para se cumprir com o princípio de cooperação de Grice (1982) e se tornar compreensível e claro para o leitor, respeitando sua autonomia na criação de sentidos.

Essa modalidade de arte visual – a aldravista – tem relação direta com a proposta de arte conceitual de Marcel Duchamp, cujas obras representam a ruptura com um modelo até então produzido que buscava a representação de uma imagem que se aproximasse da natureza. Duchamp passa a considerar o espaço que abriga um objeto. Dependendo do lugar onde alguma coisa este-

ja, essa coisa toma significação nova. Um vaso sanitário exposto em uma galeria de arte não é apenas um vaso sanitário, é algo mais, é arte, pois redefine o objeto e possibilita a criação de um novo conceito.

A partir da proposta conceitual de Duchamp e da proposta de pintura abstrata, em que apenas a explosão de cores se propõe, a arte aldravista procura conjugar a técnica de exploração de manchas abstratas com a significação pretendida pela arte conceitual. Nem só o conceito produzido pelo deslocamento proposital de um objeto, nem a divagação extrema de um jogo explosivo de cores que compõem um “não sei o que” da arte abstrata. A arte aldravista busca representar um conceito sem desenhá-lo, mas o apresenta com a insinuação da mancha que faz compor sua forma.



O BÊBADO - Camaleão

Nessa primeira fase, o Aldravismo trabalhava com a ideia de conceito, mas não se aproximava do abstrato. O conceito sobrepunha o impressionismo de Camaleão, que além da luz e do movimento, joga na tela não mais um elemento figurativo completo. No caso da tela o bêbado, os elementos centrais são uma coluna de uma construção barroca, no caso específico a coluna frontal direita da Igreja de Nossa Senhora do Carmo, de Mariana, MG, na qual se escora o bêbado. A coluna é metonímica, pois representa a totalidade da igreja em foco, seja pela própria composição imagética, seja em contraposição à igreja de São Francisco disposta na face esquerda da pintura.

Nem a coluna, nem o bêbado, no entanto, constituem o Enunciador principal da pintura. O Enunciador dessa Expressão é a sombra, institucionalmente marcadora das dificuldades de enfrentamento do problema social resultante do alcoolismo.



SEDE – Camilo Leal

Numa segunda fase, o Aldravismo foi buscar referência na arte de Camilo Leal e Don Leal, de Maringá, no Paraná, para traçar parâmetros mais distanciados do imagismo fotográfico para a representação dessa arte metonímica.

Na arte de Camilo Leal, o aldravismo buscou a referenciação da incompletude como traço balizar do *princípio da cooperação* de Grice (1982). A figuração de Camilo Leal é insinuação de algo. Um corpo de homem negro pode ser representado apenas pela sua face. Um estado de sofrimento pode ser representado por uma corrente. A fome por um pote vazio. Camilo realiza concretamente os conceitos metonímicos via figuração incompleta. O título da obra passa a ser uma marca aldravista. Sede é algo que remete os Enunciadores a discursos relativos às faltas. Cabeça representativa de traços negróides, corrente, potes vazios mão e pé remetem ao discurso da escravidão, já que as imagens estão superpostas a um tronco.



CAVERNA DE PLATÃO – Don Leal

O mito da caverna é recriado com motivos contemporâneos ditados pelo discurso tecnológico e pelo discurso religioso do nascimento, do feto a se largar da placenta. A *forma* é fragmentada como é fragmentada a vida contemporânea. O discurso mítico toma *forma* na expressão *Caverna de Platão*. Os Enunciadores dos mitos do medo de enfrentar a escuridão, como condição para encontrar a luz.

Nessa fase, a arte aldravista encontra um lugar filosófico, em que a substância pictórica encontra a forma nas metonímias da fragmentação e descontinuidade dos discursos. O lugar da arte aldravista é um ponto entre a arte geométrica tendendo para a abstração e a arte conceitual. Eis a aproximação ao desejo de forma aldravista. A insinuação se lança como proposta de se lançar na tela apenas o essencial para cumprir com o princípio de cooperação de Grice. A arte aldravista torna-se mote para reflexões temáticas e explorações discursivas. São Enunciadores que se jogam nas obras como provocações de debates.



SER INGRATO – Marcelino González

Na obra *SER INGRATO*, da série *REALIDADE DO HOMEM DESTA SÉCULO*, o artista colombiano Marcelino González propõe uma *Forma* que tem como *Expressão* a representação da morte, através da insinuação do sangue.

O *Conteúdo* é um conjunto de Enunciadores da vida contemporânea, cujos efeitos de sentido se distribuem nos discursos institucionais – governos e instituições devem se responsabilizar pela garantia da vida humana.

Desta forma, a arte aldravista conquista um lugar definido – com técnicas da arte abstrata, imagens metonímicas são insinuadas a partir de um projeto temático. Esse projeto temático pode ser compreendido como paralelo ao que se conhece por “motivação poética”. Ele representa Enunciadores específicos que possibilitam a emergência de discursos sociais determinados e ancoram os processos de produção de significações.



MONTANHA – DEIA LEAL

O tradicional, antigo, saudosista, fruto do baú recuperado do sótão, do canto da alcova, redivivo pelas artes atuais e com o "abre-te" ante as batidas do poético das aldravias, voltam, retornam à vida com novos ares e graças nas pinceladas livres da artista aldravista DEIA LEAL, sejam nas Aldravinturas ou na transformação de vestimentas.

A exposição completa de uma paisagem é redundância; por isso, a ALDRAVINTURA é metonímica, é uma porção insinuadora de alguma totalidade, é inicial e provocativa; é densa de proposição discursiva e instiga o espectador a construir uma narrativa do cotidiano.



PALETÓ MAURÍCIO BAPTISTA – DEIA LEAL

A transformação das vestimentas executadas por DEIA LEAL representam os corpos que as vestem. A peça de roupa não serve mais para vestir (na sua concepção natural de manufatura) e sim para representar o homem e a mulher numa concepção virtual, transformada, metonímica e deliberadamente artística.



“CANTEIRO DE SEDUÇÃO” - DEIA LEAL

“ALDRAVINTURAS – muita cor, nenhum limite!”

À primeira vista, pontos, gotas, manchas, borrões. Aos poucos, o olhar mais demorado vai revelando sentidos construídos por tramas de traços coloridos. A coleção “ALDRAVINTURAS – muita cor, nenhum limite”, da artista plástica aldravista, DEIA LEAL, convida o público ao diálogo e à livre interpretação. O espectador vai precisar de sensibilidade e de olhar demorado, para tentar desvendar as manchas e intervenções propostas pela autora. São obras inusitadas que passeiam por paisagens devastadas e floridas de Minas Gerais e, finalmente, intervenções artísticas em peças de roupas de pessoas falecidas ou homenageadas pela artista.



EXPLOÇÃO - DEIA LEAL

Seja pelas significações simbólicas das cores, seja pelas cenas enunciativas dos discursos sociais de ocupação dos espaços pictóricos, a ALDRAVINTURA é uma proposta de arte que faz pensar, que exige leitura e referência, bem ao estilo Aldravista de fazer arte – indica um caminho (toda aldravintura tem título) e deixa o espectador segui-lo, segundo suas opções e escolhas.

INTERVENÇÕES ARTÍSTICAS

EM PEÇAS DE ROUPAS
– ARTISTA: DEIA LEAL

Dr. José Luiz Foureaux de Souza Júnior.



Tarefa difícil a de falar algo de que se gosta. Talvez seja mais difícil ainda falar de algo de que não se gosta. Por outro lado, falar de alguma coisa ou de alguma pessoa que não seja eu mesmo ou que não se já de minha lavra pode ser tarefa generosamente fácil. Pelo sim, pelo não, proponho aqui um jogo. Um jogo que conta com quatro passos antes de chegar a seu ponto final: a observação. Mais interessante que o jogo é o que se observa ao seu final: uma exposição de arte. Expressão genérica. Pode abarcar uma infinidade de possibilidades. Aqui, ela se reduz a uma. E isso não é pejorativo. Uma exposição de peças produzidas a partir de outras. Modificação operada por uma artista num mundo contíguo ao

seu: o das roupas. Contíguo porque ela se veste. Mais contíguo porque ela não vestiu as peças de roupa que usa em sua produção. Ainda um grau mais denso de contiguidade: são peças de vestuário usadas por pessoas com quem ela teve contato. Ela quem? Andreia Donadon Leal (Deia Leal). Este o nome da artista aldravista que agora expõe mais uma faceta de seu já consagrado trabalho. O jogo que proponho, então, consta do seguinte: a leitura de quatro passos que seguem para chegar à exposição. A leitura, tanto quanto possível, deve ser feita antes da observação, da visita à exposição. Isso tem um motivo que declino do direito de examinar. Saber que objetivo é este é também parte do jogo que proponho.

Aos passos, então.

Passo 1

Todas as criações humanas possuem o “dedo”, um pouco da genialidade de outras pessoas das quais talvez nem se saiba o nome, o que dizer da existência. A criatividade, por mais louca e ilógica que possa parecer, necessita obrigatoriamente de conhecimento e repertório seja ele visual, olfativo, auditivo ou de qualquer outra forma para que possa realizar sua função principal, criar. Logo, na maioria das vezes, passa a agir apenas como uma reorganização de memórias, inspirações, repertório e bagagem cultural. A que ponto dessa reorganização de ideias a criação passa a ser autoral/original? Como chegar ao ponto de ser totalmente original? É possível criar algo sem nenhuma referência?

Passo 2

Roupa é peça ou conjunto de peças de vestir: traje. Pode significar também qualquer tecido que sirva para adorno, cobertura etc. Ou ainda, qualquer peça de tecido de uso doméstico.

Passo 3

Intervenção: ato de intervir. Em um debate, equivale a emitir opinião, contribuir com ideias (próprias ou alheias). Na rubrica “direito constitucional” é o instituto legal que autoriza o governo central de uma federação a intervir em uma de suas unidades para evitar ou repelir grave perturbação da ordem. Na rubrica “direito internacional público” significa a violação da soberania de um

Estado independente. No âmbito do direito comercial é o ato pelo qual uma pessoa aceita ou paga um título cambial de outrem levado a protesto. Se a criação implica atitude, ação, um ato qualquer, logo, é uma espécie de intervenção.

Passo 4

Uma doença romântica, a originalidade. Em todo canto a gente vê a originalidade de idiotas incompetentes, eles não conseguem desenhar nada, pintar nada, só para que seja original a porcaria que muita gente faz... A originalidade é requisito essencial na demarcação do objeto protegido pelos direitos de autor. José Régio, poeta português, diz que “Em Arte, é vivo tudo o que é original. É original tudo o que provém da parte mais virgem, mais verdadeira e mais íntima dum personalidade artística. A primeira condição dum obra viva é pois ter uma personalidade e obedecer-lhe. Ora como o que personaliza um artista é, ao menos superficialmente, o que o diferencia dos demais, (artistas ou não) certa sinonímia nasceu entre o adjetivo original e muitos outros, ao menos superficialmente aparentados; por exemplo: o adjetivo excêntrico, estranho, extravagante, bizarro... Eis como é falsa toda a originalidade calculada e astuciosa. Eis como também pertence à literatura morta aquela em que um autor pretende ser original sem personalidade própria. A excentricidade, a extravagância e a bizzarria podem ser poderosas – mas só quando naturais a um dado temperamento artístico. Sobre outras qualidades, o produto desses temperamentos terá o



encanto do raro e do imprevisto. Afectadas, semelhantes qualidades não passarão dum truque literário. Jorge Steiner, influente intelectual francês, escreve que “Arte, música e literatura significativas não são novas, como são, como se esforçam por ser, as notícias dadas pelo jornalismo. A originalidade é antitética à novidade. A etimologia da palavra alerta-nos. Fala de ‘início’ e de ‘instauração’ de um regresso, em substância e em forma, ao início. Diretamente relacionadas com a sua originalidade e com a sua força de inovação espiritual-formal, as invenções estéticas são ‘arcaicas’. Trazem em si o pulsar de uma fonte distante.” A determinação da originalidade tenta se revestir de carácter objetivo: considera-se novo o bem imaterial que difere dos que já fazem parte do fundo comum da cultura, ciência ou técnica, dependente, na maior parte dos casos, de comprovação de anterioridade mediante certificado de registro na instituição apropriada. A “marca da personalidade do autor”, e diversos recursos estilísticos comuns a movimentos artísticos, portanto empregados por diferentes indivíduos em diferentes obras, tornar-se-iam subitamente muito perigosos para o artista, que se veria obrigado a lançar mão de inovações despropositadas a fim de expressar sua personalidade e assim garantir seus direitos em relação à própria obra. Segundo o exemplo clássico de Desbois, dois pintores que escolham representar o mesmo local, na mesma perspectiva e com as mesmas cores terão como resultado final duas obras originais. Evidentemente, exclui-se a possibilidade, na es-

teira dessa teoria, de qualquer análise de mérito artístico da obra: a criação (termo intercambiável, aqui, por “execução”) torna-se critério suficiente para a verificação da existência de originalidade.

Observação:

Dito isto, podemos então passar à conclusão do jogo: saborear a exposição. Antes, ainda me demoro em algumas elucubrações. Diz a própria artista: “A transformação das vestimentas:

representam os corpos que as vestem. A peça de roupa não serve mais para vestir (na sua concepção natural de manufatura) e sim para representar o homem e a mulher numa concepção virtual, transformada, metonímica e deliberadamente artística. Peças de roupas (a maioria das peças é de pessoas falecidas): vestido de *Ephigenia Vicencia de São José* – senhora que faleceu aos 99 anos de idade, levou uma vida dedicada à criação de filhos dos outros, e louvor à Nossa Senhora, solteira, morreu em janeiro de 2015, para mim deveria ser proposto um título de beata à senhora. *Paletó Maurício Baptista* (meu tio) – falecido há três anos, vítima de demência (mal de Alzheimer), paletó usado em seu casamento, há cerca de quarenta anos. O mecânico foi abandonado; o irmão mais velho e sobrinhos cuidaram dele. Os braços fechados do paletó representam uma camisa-de-força. *Boné Zé Rosa* – pedreiro, famoso pela humildade, foi grande homem no crescimento de Mariana, tem obras que hoje estão restauradas. Talvez ninguém saiba que foi ele quem construiu o cemitério dos Bispado e outras obras.

Participou de muitas romarias que fazia para Aparecida do Norte. *Blusa Efigênia Cândida da Silva* – minha vó falecida aos 80 anos de idade, natural de Santa Bárbara, dedicou sua vida à criação dos filhos e à igreja, ficou viúva aos 40 anos; personalidade forte. *Jaqueta J.B.Dona-don-Leal* – primeira jaqueta usada no Curso de Letras em Maringá, no inverno de 1979. Representa a marca de um período de formação. *Colete do Jornalista Paulo José Cunha* – um dos primeiros coletes usado em reportagens realizadas no início de sua carreira.

“Intervi” no texto de Andreia. Creio que ela, conhecendo a mim como conhece, não vai ficar ofendida. Fui original? Não ousou dizer. Sou suspeito. Fica um tanto presunçoso de minha parte dizer isso a respeito de mim mesmo. Mas interferi. E aqui, esse verbo flexionado é tudo. Tudo o que pode levar o observador a perceber, no trabalho de Andreia com roupas alheias, o exercício de flexionar seu talento, flexionar seu material, flexionar suas ideias e sentimentos: flexionar. Outro verbo importante. Verbo é palavra que explicita “ação”. Ação, qualquer que seja, causa sempre uma interferência. Ao interferir no universo das personalidades que carregam as peças de vestuário utilizadas – porque alheias – levam o observador a penetrar no universo íntimo da artista, guiado pela mão da metonímia. Esse modo de proceder da linguagem serve-se, sempre e mais, da aproximação, da contiguidade, da similaridade, jamais da comparação substitutiva. O que Andreia faz não é

substituir o uso das peças de roupa por outro que ela, intimamente convenciona como, por exemplo, adequado, ou mesmo, necessários. Qualquer que seja sua justificativa. Não. Andreia propõe, no âmbito do Aldravismo, mais uma inventiva aventura que faz escorregar pelo tobogã das possibilidades que o exercício metonímico da linguagem plástica proporciona como possibilidade. Sim, possibilidade, outra palavra-chave nesse jogo – o que propus e o que Andreia joga com o observador, ainda que não tenha pensado nisso. Mas não é exatamente isso o que o artista busca, de infinitas maneiras, por infinitas possibilidades, fazer? Cada pincelada ou toque de cor, cada arranjo no espaço que ocupa a peça de vestuário, cada sequenciação que a artista propõe. Tudo faz parte desse jogo que encanta, seduz e intriga. Sim, intriga, e muito. Pois onde já se viu usar peças de roupa alheias – e mais, de gente que já morreu – para fazer o que se chama “arte”. Muito nariz torcido, muita cara virada, mas muita surpresa, muito sorriso ladino, muita sobrancelha arqueada como a dizer “Hélas”. O rearranjo semiótico que Andreia produz diz muito de sua arte, fruto de seu talento. Hábil com palavras, como é hábil com tela, pincéis, tinta, objetos. Ao fim e ao cabo – não resisto a essa blague referencial lusitana! A artista sabe porquê! – viagem interior, guiada pelas cores e pelos arranjos de peças tão inusitadas quanto peças de roupa de pessoas já falecidas. Talvez nisso esteja a originalidade de Andreia. Sou esquivo à ideia de originalidade ainda que, por dever de ofício, te-

nha que lidar com ela e, até, operar com ela em elucubrações outras menos charmosas e interessantes como estas que as peças de Andreia me causam. A *jouis-sance*[*] é muita. Talvez por isso afirme que o trabalho é original. Ainda que outros artistas sobre a face do planeta já tenham feito coisa igual ou parecida. Isso, de fato, não importa. Aqui, no jogo que propus e que já vai findando, o trabalho de reconstrução de corpos e seres através da interferência alheia é dinâmico demais para ser paralisado por firulas terminológicas. Se um princípio básico do Aldravismo está calcado na “liberdade” – herança soterrada por séculos de protocolos canônicos empoeirados pela pá-tina do tempo – as roupas ganham outro significado. O seu uso, transcende a herança existencial que “virtualmente” carregam. A transformação da História e cada uma – peça e pessoa – dá-se por meio de uma intervenção de outra ordem, talvez mais real que a própria existência porque não deseja recuperá-la. Não há traço de saudosismo ou melancolia. A força das cores, das formas, do discurso que se constrói a partir das intervenções de Andreia são sobejamente lúcidos, ao par de sua imaginação, sua volatilidade, sua liberdade. O que significa mesmo intervir? Interferir? O primeiro passo desse jogo já diz tudo.

Acabou. O jogo. O prazer da observação apenas está em seu início, provocante. As ideias devem estar pululando no cérebro em revolução de quem olha para cada uma das peças desta exposição. Mais que um exercício de or-

ganização, o conjunto dessas peças diz de outra ordem de discurso: o da aproximação, da liberdade, da inferência. A observação que se pode fazer desse conjunto proposto por Andreia estimula a imaginação, o sonho, a memória. É como se alguém estivesse a tentar escrever uma biografia, sua autobiografia, com papel absorvente e caneta de ponta grossa. O traço é forte. A contundência inegável. O talento celebrado e a imaginação solta. Quase como alguém que chega à porta do quarto de hotel da cidade que por tanto desejou conhecer. É como o convite que Drummond faz, quando fala da arte de escrever poesia: “Trouxeste a chave?”.

INTERVENÇÃO ARTÍSTICA DE DEIA LEAL



BONÉ JOSÉ ROSA / DEIA LEAL

INTERVENÇÕES
ARTÍSTICAS
DEIA LEAL



[04]



[05]



[07]

[06]



INTERVENÇÕES ARTÍSTICAS DEIA LEAL

[09]



TÍTULOS

[01]
“TERNO VOVÔ BEIJINHO”

[02]
“BLUSA EFIGÊNIA”

[03]
“PALETÓ MAURÍCIO BAPTISTA”

[04]
“VESTIDO LAURA THIERSCH”

[05]
“COLETE PAULO JOSÉ CUNHA”

[06]
“BLUSA JOSÉ LUIZ FOUREAUX”

[07]
“JAQUETA DONADON-LEAL”

[08]
“JAQUETA LUIZ LINHARES”

[09]
“VESTIDO EPHIGÊNIA”

4 POETAS ALDRAVISTAS



POESIA

ED N STOP A
OH AQ B L M R B A G

atrop in es oan e
arar e a seop a es
odas no at eop me e
atrac at an etab

apsarrep ed atrop at a etab neup o noc

iat ad ort e o

no / e

or no o

arval neup ed

arval b

arval ap

arval d a

etab neup o noc

etab e m

oagrar oc o o noc

nr dab oreup

! or e - or e nos

oreup enq o

revers e oreup

d noc es acnum

o got net na mu

a md noc

no a tr noc

at eop o e

ap agebac ed

a neop o set na

ax ab agebac ed

revers e es oan

got net na mu

mur no nob

ar dab

**A POESIA DE
GABRIEL BICALHO**

inútil aldrava

quero mais a anarquia
de um só deus quando cria
o incontido universo

cometer a heresia
de gritar “fiat lux!”
e dar à luz meu verso

sem culpar a serpente
ou fazer diferente
pecado original

rimar adão com eva
quando o vento lhe leva
a folha de figueira

ah! todo poderoso
deus crítico pomposo
inimigo das artes!!!

quero escrever besteira
sem temer os descartes
ou que me expulses do éden

se meus versos nem fedem
vou cuspir para o céu
e molhar a tua cara

se teu nojo não para
vomita no papel
sem sujar a palavra

que a poesia está morta
bem atrás da tua porta
e não bato essa aldrava!

aldravismo mesmo!

**A POESIA DE
GABRIEL BICALHO**

a cá
acadêmico
: cadê a receita
da boa poesia?

cada seita
aceita
a oração do dia!

na “igrejinha”
quem reza o terço
quem tece o verso
: o cáustico crítico
ou o céptico poeta?

sem teoria
: verdade em poesia
é só ficção!

na literatura
o literato sem ato
e de atadura
atada a mente
literalmente atura
a dura crítica

na literatice
por mais que se atice
o ideal se apaga

minha poesia
filosofia da
vaca caminha
e ri da minha
cacofonia

não ganhei
e nem perdi
meu dia

: ninguém me paga!

poesia é praga!

qual abracadraba
abrirá caminho
neste beco sem saída?

não importa
a porta
e sua trava
: bater aldrava!

findo o milênio
fechou-se o século
ao *neobobismo*
ao *neo-qualquer-coisa*
ao *neo/néon*
: o “neo” envelheceu!

viva
o *ismo*
a esmo
: aldravismo
mesmo!

da aldrava

/
ferro
e
ferrugem
//
bronze
e
zinabre
///
tocar
:
toda
aldrava
sabe
o peso metálico
da alma que vibra
e
o mistério do tempo
na casa em que range
:
deixem-na
bater
!

**A POESIA DE
GABRIEL BICALHO**

sábado de sol

porque é sábado e faz sol
nos jardins de minha casa
arranco este girassol
do passado que me atrasa

porque é sábado no atol
de minh'alma que tem asa
desenroscado o caracol
sobre o coral que me abrasa

porque é sábado e me enlevas
caracol fujo da luz
como o girassol das trevas

porque é sábado e faz luz
devo fugir da poesia
como o demônio da cruz!

*A POESIA DE
ANDREIA DONADON LEAL*

Sinfonia das Flores

I
se não tivéssemos arrancado as flores do jardim
e as colocado num jarro de vidro,
não teriam murchado rapidamente, baudelaire.
mesmo murchas, caídas
empalidecidas e desidratadas
são deslumbrantes
:
as pétalas, o caule, as flores...

II
- sou apenas um poeta da aldeia:
sensível, aflito e gentil,
dono de versos que saltam à vista,
seduzem e cantam com o coro dos pássaros.
tu, baudelaire, sombrio e melancólico
clamas por vermes, serpentes, maldições
e numa ladainha invocas demônios.
tuas flores são frementes:

cozem e escarram sangue
em tua voz embriagada de poeta...

- não açoites as flores, baudelaire!

- não arranques as sépalas.

- não punas as hastes.

- não açoites as pétalas, poeta!

elas por si mesmas exalam e transpiram perfume,
disfarçam o cheiro da carne em putrefação
do cadáver inerte na caixa de madeira.

- deixes o vento valsar com as flores, baudelaire!

hipócrita leitor que folheou *les fleurs du mal*

e deu vida a teus versos doentios;

maldito seja o bendito fruto de baudelaire

e suas mordazes ladainhas invocando o demônio:

- "tem piedade, ó satã, desta longa miséria".

III

- embarques para os sonhos de êxtase, baudelaire!

deixa a velhice brincar com teu espírito reprimido de menino,

deixa o vento roçar teu rosto enrugado

suavizar tua fronte e

valsa também com as flores antes que escureça...

não castigues a beleza da natureza,

não prendas as rosas em tuas envenenadas palavras...

quantas vezes riram de minha doçura descabida
de poeta da aldeia

e

do peso metálico de tua mórbida melancolia?

debocharam do nosso cansaço insistente
por palavras, palavras
e
mais palavras...

IV

abrem-se as pétalas na madrugada estrelada
e explodem cores em sinfonias silentes
sem esperar a maldita inspiração ardente nossa.
- pobres de nós, Baudelaire,
donos de palavras simples ou rebuscadas
acadêmicos, boêmios
apaixonados ou amargurados...

V

ainda que as palavras e as imagens
toquem a sensibilidade humana,
nada seriam, meu irmão...
nossas palavras apoteóticas
não brotam e desabrocham,
não arrancam umidez da truculenta insensibilidade.

deslumbrante vê-las e tocá-las;
voz de poeta
e
pinceladas de pintor?
- jamais, Baudelaire!

**A POESIA DE
ANDREIA DONADON LEAL**

Canto alado de poeta

A POESIA DE
ANDREIA DONADON LEAL

poesia:

coisa de vivo ambulante, meu bem!
peça de estreia sem plateia
coisa de gente sem ter o que fazer,
lirismo impregnado de palavras rasantes
de homens e mulheres que se quedam servos do amor
em noites encastoadas de estrelas...

poesia:

coisa de quem tem tempo pra caducar,
coisa de quem tem tempo na vida
coisa de quem gosta de dançar na chuva fina e fria,
coisa de quem bagunça o tempo em horas e segundos partidos

não adianta bater nas portas, meu bem!
estraçalhar as pontas dos pés nas ruas
à procura do último suspiro pela poesia!
a poesia, Flor do Lácio,
tira leite das pedras no meio do caminho,
metamorfoseando-se em vias à espera
de gerações conectadas em sóis, flores, estrelas e luas...

o minuto agora é feito de impurezas...
o minuto canta o medo das mães, o medo dos pais, o medo da solidão, o
medo dos meninos desconectados...

o instante é cesto vazio
o momento é fundo falso
o som das horas são vozes febris e veladas
que se golpeiam até o último raiar da aurora!

ninguém vai escutar seu canto alado num só momento!
ninguém ouvirá seu apelo, poeta!
ninguém verá a lágrima na face do amor
nem a gota pungente e inefável da poesia!

este tempo é de ação, razão e automatização;
este tempo é para homens de pensamentos brutos,
homens de coisas emergentes
de negócios enérgicos
de atitudes sérias e duras!

este tempo não tem tempo pra poesia!
este tempo é de gente cortada,
de gente que se corta todos os dias
de gente que corta gente
de gente que corta o tempo em horas comprimidas e vazias!

este tempo é de palavras sintéticas, frias, diretas e finas,
é tempo de deixar a poesia repousar
no fundo falso, no cesto vazio, no vaso sem flor, no chão de ferro,
chorar de medo da morte
morrer de chorar de medo do depois da morte,
morrer de dor para que não nasçam em nossas sepulturas:
flores cortadas, vazias e duras...

A POESIA DE
ANDREIA DONADON LEAL

A POESIA DE J. B. DONADON LEAL

motivo da rosa

nem o primeiro motivo de Cecília
nem o essencial de Quintana
todo motivo rosa
desse caule espinhento

sangra do chão o motivo
atrativo e gravitacional

sangra da terra todo medo
da rosa bomba do século
vinte ido
da rosa bomba do vinte e um
em curso
do telefone vermelho da casa
branca
do telefone branco da casa
vermelha
do dedo no detonador

nem o primeiro de Cecília Quintana
respostas
ao motivo essencial da rosa
temerosamente recolhida

no botão
inexorável desabrochando
para fenecer
depois da pilhagem implacável das
abelhas
de todo néctar possível

sem doce
azedada
amarga
dor de ser seca
de qualquer gravidez

nem motivo há
na rosa encarnada
vômito de angiosperma na
confluência
caule-folha
acne explodindo
fértil pus oloroso
a seduzir colmeias

gêneros fertilizados
nos motivos rosas
florescentes
sem mandamentos
macho-fêmea
sem excrementos secretos
nos floemas
traduzidos nos poemas condutores
dos motivos da rosa

nem o primeiro motivo de Cecília
 nem o essencial de Quintana
 todo motivo rosa
 inexorável sopro do vento
 na fragilidade das pétalas
 no suporte das sépalas peludas
 de afugentar formigas

homo-gênero predador
 colhe-a em sua fome
 de caçador de motivos

alimento da sedução
 a rosa
 imotivada revoa presa
 da fauna alada
 da fauna aracnídea
 da fauna formicidae

revoa e cai
 na mão enamorada
 desse homo-gênero predador
 inescrupulosamente sedutor
 carinhoso jardineiro
 prestativo senhor dos adubos
 das regas fartas de águas puras
 das vigilantes rondas afugentadoras
 das faunas meliantes
 aladas, andantes, rastejantes
 quando viça esbelta a rosa

motiva a gula do seu antes protetor
 que Lúcifer de aço em pinça
 decepa a cepa e alça a flor
 uma a uma a formar
 molhos amarrados
 na formosura dos encantos
 de olhos inebriados
 sem dar conta da hemorragia
 dos floemas sob papel celofane
 ou afogados no poço de cristal
 sobre mesas e altares
 em rituais de sedução

do primeiro motivo, Cecília
 apenas motivo, Quintana
 impinge à roseira a sina de fazer
 crescer caules
 sobre os quais acnes florem rosas
 que nas manhãs inadvertidas
 colhem cristais de orvalho
 para fazer vapor ao nascer do sol
 quase imperceptível sonho de
 imaginar
 um dia
 inventora de nuvens inteiras
 a fazer chuva de sua vontade
 fértil vontade
 de não ser apenas motivo
 roseira explode acne
 rosa

**A POESIA DE
 J. B. DONADON LEAL**

SOLIDÃO

Vocês todos percebem o quanto quis ser tantos na vida.
Cada um de vocês, um tentáculo meu
nesse polvo que sou,
constituindo este espetáculo da vida,
esta semiótica complexa de vozes
e corpos, e pinturas, esculturas, músicas, mímicas e danças.
E não me digam que sou dono de idéias.
Ah! As idéias não nos pertencem...
Elas estão por aí atormentando nossas cabeças,
nos incluindo em modelos e nos excluindo de sistemas.
Sou espectador privilegiado dessa bossa que entô como canto novo
di-vã-dré, di-já-vã percepção do mundo
de conceito de amor em grande laço
a um passo da armadilha
um lobo que fica mal com Deus
quem não sabe
quem passou por mim e vil não nos viu
nós todos:
eu lírico, eunuco, eu outro, grande outro,
eu em mim, sem mim, deslocado de mim, eu a mais,
eu bem, eu mal,
eu céu, eu terra, eu mar
quando me quebro na praia
marionete
eu caí-me veloso, antecipando o carnaval
pra liberar minhas fantasias, meus fantasmas
e um a um me devolvendo a mim mesmo
em-mim-mesmando cada voz que revela meu ego.
A vida bem gozada é bonita, é bonita e é bonita.
Assumo o assombro de vocês que não me vêem mais.
Debochem de mim não!
A minha luz se apaga de mim,
mas a bruma que me leva a penetrar em todos os espaços
ascende de mim minha alma leve de flutuação
a conquistar o mundo, vasto mundo,
se eu não me chamasse mais
todos vocês poderiam retornar para mim
para experimentar
o que é ser
divino, trino, uno,
universal
diverso
verso
sal
só.

**A POESIA DE
J. B. DONADON LEAL**



A POESIA DE J. B. DONADON LEAL

Denúncia em Mão Dupla

Porta de coração não tem aldrava.
Uma campanha nacional
sem esperança
uni-self e uni-ceifa.
Ônus onde?

Um menino nas ruas de Mariana...
Um menino triste nas ruas de Mariana:
dona, me dá um trocado!
E se não der?

Uma menina nas ruas de Mariana...
Uma menina triste nas ruas de Mariana:
bacana, me dá um trocado!
E se eu te der?

Minha voz de poeta
Silenciosa
Se diz em meditação

Minha voz de profeta
Licenciosa
Se diz maldição

Minha voz manifesta
Ditosa
Se diz a foz do não.

Enquanto minha voz discreta
Irrompe do peito o tom do trovão
Águo a ira inda pupa no aguardo
Do pecado já cometido
No dia do juízo
No dia preciso
Diante da luz
Terna
Do relâmpago artificial
Na rede elétrica da minha bondade.

Minha voz de sóis completa
Copiosa
Sua raiva dos traços da mão.

Haja voz, nós nas gargantas,
Sazonal humor qual céu de verão,
Minha voz de poeta
Deleitosa
Toca as linhas do coração.

Voz de poeta

A POESIA DE JSEFERREIRA

nas nuvens

nas nuvens
procuro imagens

nas nuvens busco
sonhos
e ouço o canto do vento

nas nuvens vejo
o céu esbravejar
severo e ríspido
em caracóis de raiva
chorar e cuspir fogo

sob os telhados frágeis
sofro e temo
minúsculo ser
buscando compreender
algo
nas nuvens

ALDRAVISMO / ARTE POÉTICA

sempre viva

P/minha mãe Raimunda V. Ferreira

a flor adunca
não presta

acho minha mãe linda
apesar das rugas
que lhe franzem a testa

mãe não envelhece
nunca!

ame-a com fervor
até o último instante
que lhe resta!

na fruteira
sobre a mesa:
a banana plástica
a uva plástica
a pêra plástica
e a maçã plástica:
a plástica do teu corpo
plástico
:
a gula
plástica
:
a pura
vontade de comer!

a gula plástica

GALERIA DE ALDRAVIAS

CASA DA ARTE ALDRAVISTA



fidalgua
tradição
ouro
comida
gaveteiro
guarda!

Gabriel Bicalho



epifania
do
belo
meu
ipê
amarelo

Andreia Donadon Leal



bules
de
prosa
mineira
amainam
saúde

J.B. Donadon Leal



histórica
Mariana
pedras
preciosas
sobem
ladeiras

J.S. Ferreira



sineiros
fazem
iuxico
sino
toca
siricutico

Hebe Rôla



código
selado
sedimento
próprio
ondulação
escrita

José Luiz Foureaux de S. Júnior



